

**AVANÇOS E RUPTURAS EM
ENTRAVES (2017), DE
DIVANIZE CARBONIERI**

*ADVANCES AND RUPTURES
IN ENTRAVES (2017), BY
DIVANIZE CARBONIERI*

**Marinete Luzia Francisca de Souza
(PPGEL/UFMT)¹**

Em *Entraves*, livro de poesia de autoria de Divanize Carbonieri, composto por 61 poemas, vencedor do prêmio Mato Grosso de Literatura 2017 e publicado no ano pela Editora Carlini&Caniato, encontramos movimentos de rupturas e continuidades.

Pela leitura do índice do livro nota-se que a disposição dos poemas indica movimento e parada: de “Rumo”, passando por uma “Lacuna” e desaguando em “Entraves”, retomando, por fim, o movimento com o tempo pretérito com que se inicia o poema

¹ Marinete Luzia Francisca de Souza é docente do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens – PPGEL/UFMT/Campus de Cuiabá e do Curso de Letras do Campus Universitário do Araguaia.

“Riscos”: “quando o risco do tempo corria solto riscavam-se os potes e suas tampas e os traçados dos dias compridos pelo corpo da cunhatã na tempestade de pó”. Daí passa-se ao tempo presente que pode ser lido no poema “Tramoia”. Instalado o contemporâneo, a coletânea é ritmada pelo ato de “musicar a letra” no qual avultam sentimentos como o medo e a persistência daquele que valoriza a contenda, pelo movimento animal das ruas cuiabanas, pelo ritmo do dia-a-dia, no caso do moço que joga sinuca e planeja atos em relação às mulheres.

Outra vez a linha temporal que interrompe, “que ceifa a linha da vida”, surge em *Entraves*, por meio do poema “Esporófito”. A vida é atravessada pelo movimento do “machado” e, depois, da “foice” que atingem o pescoço do ser representado e do qual jorra um “igarapé de sangue”, num “mangue verde do espírito”. As metáforas do mangue e do igarapé deixam entrever algumas linhas estilísticas de ligação entre a poética da vida e da natureza, cultivadas em *Entraves*.

Em “Esporófito”, o corte realizado na altura do pescoço decepa o colo e solta a alma por aquela abertura. A alma não se retrai com o golpe, ao contrário, cresce, se agiganta. O corte é torpe porque causa a morte, mas também é gentil, não só porque a lâmina é afiada e produz um corte preciso e rápido, mas porque serve para libertar a alma. O golpe interrompe a corrente da vida. É desse mangue verde do espírito que provém a dispersão e proliferação (“esporófito”) da semente, do destino do ser vivente, que envolve a morte do corpo, mas também a sobrevivência do espírito.

Natureza e suas formas de saberes podem ser colhidos em poemas como “Transeunte”, no qual o tamanduá e o jacaré transitam pela capital do Estado de Mato Grosso e cruzam fronteiras entre o urbano e o mundo animal.

As inundações de terra e volumes de água viajam “pelos veios lenhosos nos troncos e nas selvas das folhas verdes”. A água transita pela valas tal qual a poesia transita pelos versos: “tropeçar pelas

palavras 8 feito aluvião no leito”. Daí que se note que, no veio poético de Carbonieri, também está presente a metaliteratura e que os *entraves* são também linguísticos.

O tempo é, portanto, um importante marcador de leitura da poesia de Carbonieri. No poema “Riscos”, a imemorialidade está presente “quando o risco do tempo corria solto”, e a cunhatã esperava pacientemente enquanto sua pele era pintada e riscada com esmero. O mesmo acontecia com os utensílios de cerâmica, todos cuidadosamente feitos. As mentes estavam tomadas de serenidade, mas isso não impedia os gestos ousados, como o acertar dos alvos na caçada ou mesmo na guerra. Mas houve uma alteração. Há lapsos de memória. No presente, não se risca ou se pinta a pele com tanto cuidado. Qualquer aspereza na epiderme tem agora outras razões e não as detalhadas inscrições feitas por ossos e/ou espinhos realizadas anteriormente. Hoje a mente está desatenta, distraída e isso faz as presas escaparem e o pensamento seguir sem rumo. Identificamos aqui uma poesia sobre a existência.

A temporalidade volta a estar presente no poema “percurso”. Há alguém inerte, no espaço de sua casa, que observa o “limiar da vida lá fora”. A partir do postigo da porta, vislumbra-se apenas um ponto da avenida. Do lado de fora, há movimento, há vida e possibilidade de seguir pelo asfalto, uma imagem da trajetória “irisdescendente” do destino das probabilidades que se desenrolam a cada passo nos itinerários pessoais. Muitos são os caminhos apontados, sendo mesmo ilimitados. Porém, os seres que percorrem os caminhos do existir podem trilhar poucos deles durante seu percurso de vida, que é entendida, de qualquer forma como vã, sem sentido. A palavra “viandante” está no feminino, marcando o gênero de quem faz as escolhas.

Mas há também as lacunas, as inércias. No poema “Lacuna”, as imagens poéticas da jovem morta sobre um lençol de linho se tingem do mesmo tom da pele dela. E um pequeno ponto vermelho indica que o líquido perdido faz com que seu seja o “torso exangue”.

Essas sinestésias demonstram que a trama do tecido é comparada à epiderme sem vida da menina. A morte ainda que antecipada ou precoce parece ter sido anunciada, um paradoxo porque mortes de jovens não são esperadas. Mas a morte simbólica, o amadurecimento, que transforma jovens em adultos, é algo com que se conta inexoravelmente, e pode ser isso que se anuncia. A menina há de tornar-se mulher. Neste processo, as personagens, contos de fadas ou os ícones que povoam sua infância também perecem. A mulher segue viva como uma falta, uma lacuna, impossível de ser preenchida, estando toda a inteireza interior perdida para sempre.

O veio temático feminino surge também em outros poemas como “Mestiça”, no qual a mulher negra é aludida como “decúbito ventral 8 teatral para um tombo 8 o lombo açoitado” que “rememora o ancestral”. A mulher é, enfim, o “não”, o “menos” e o “não seja” do poema “Mulher”, modo de expressão que passa ora pela definição, ora pela descrição patentes na poesia de Carbonieri. Corpo e alma feminina não se equivalem no cotidiano das personagens poéticas criadas pela autora, mas elas existem e põem em causa a negatividade em torno do feminino, são memória e presença.

Trata-se de uma poesia relativa à vida, que aborda elementos como o teto azul das casas, Semíramis e Miosótis, gatas sorrateiras, que andam pelos assoalhos das casas como seres de palavras e ritmo. Retrata ainda mobiliários que, grandes, atravancam as portas e impedem a mobilidade no interior da casa ou aquilo que consome, aflige ou arruína por meio da metáfora presente em “Carcoma”.

Sons, rupturas, continuidades encontrados nos poemas da autora são a tópica de *Entraves*. Ou melhor, os “brutos urros” e a consciência social convivem com saberes advindos do mundo doméstico e ancestral, que estão para lá das materialidades visíveis. Esses saberes são postos em linha de continuidade ou de justaposição, o que resulta na ausência de sinais como vírgulas e pontos; as orações poéticas encontram seu complemento no verso sucedente.

A poética de Cabonieri apresenta variada versificação, como doze, onze ou dezoitos versos, de única estrofe e versos curtos e cujas frases poéticas encontram seu complemento e rimas no final delas mesmas ou externamente. Valoriza as ambiguidades da linguagem e da vida como no poema “Rumo”, que inicia com o vocábulo “piso” (eu piso ou o piso). Mais uma vez a poesia de tom contemplativo ganha nuances de ação ou de contempla-ção. A fluidez dos versos dá-se pelo ritmo e pelas alitera-ções (como em “Úvula” e “Mulher”) numa escrita que desliza como que valorizando os “entraves” e suas possibilidades de avanços.

RECEBIDO EM 16/07/2018

APROVADO EM 09/11/2018